

## Saberes em movimento

Gabriel Chalita



O ofício de uma vida está ligado ao que se costuma chamar de vocação, aptidão, dom. Quando refletimos sobre o ofício de ser professor, percebemos que se trata de uma atividade profundamente ligada ao conceito da capacidade de transformar nossos alunos através do amor. Atualmente, é muito difícil ser professor, pois os pais não oferecem aos seus filhos a bagagem cultural necessária e a educação familiar, dificultando a tarefa do mestre em termos dos conteúdos escolares e das relações humanas. O educador se depara, muitas vezes, com alunos sem limites, confrontadores, desrespeitosos e apáticos. Os alunos são diferentes, têm suas idiossincrasias, assim como nós, professores, também as temos.

Insisto muito na questão do ofício do professor porque se trata de uma reflexão profunda a ser feita por educadores e gestores escolares. Você quer ser professor? O que é ser professor? Sem essa reflexão sobre a importância das relações entre professores e alunos o que se fará em sala de aula perderá sentido. Por mais que demonstre habilidades cognitivas e conhecimentos científicos, um professor burocrata de sala de aula será sempre péssimo. O importante é ter capacidade de transmitir conhecimento a alguém e pôr em prática o exercício do saber em movimento.

É muito bonito trabalhar com as diferenças, e muito ruim imaginar uma escola homogênea. Às vezes, os processos de avaliação escolar fazem com que os professores projetem nos alunos uma imagem ideal que não corresponde à realidade. O aluno é o que é, não o que projetamos nele. Não há alunos burros ou alunos inteligentes — trata-se de um mito criado através de testes de coeficiente intelectual, que reproduziram um padrão incorreto utilizado por muitos educadores. Por isso, o processo de sedução para o conhecimento é fundamental, e apenas quem tem vocação para o ofício de ser professor saberá fazer isso apropriadamente.

A primeira qualidade para ser um bom professor é gostar das pessoas — gostar do ser humano. Em seguida, trata-se de fazer com que o conhecimento tenha um significado, do contrário não se transforma em conceito. Esqueçamos aquela ideia muito difundida de “déficit de atenção”, pois isso nada mais é do que a dificuldade de os alunos se concentrarem em alguma tarefa proposta. Segundo uma pesquisa realizada pela Universidade de Harvard, nos EUA, chegou-se à conclusão de que a solução para tal problema seria pôr em movimento o conhecimento, ao que denominaram “digressões pedagógicas”. Não se pode conseguir a atenção constante de um aluno durante longos períodos de tempo. Portanto, deve-se ir apresentando, digamos, a cada dez minutos, novos elementos de conhecimento, de forma a instigar o aluno por intermédio de múltiplos saberes. E tanto vale utilizar as novas ferramentas tecnológicas, quanto tradicionais métodos pedagógicos, como contar histórias, etc.

A aula precisa ter uma dinâmica que surpreenda o aluno. Não é fácil fazer isso quando as pessoas não estão abertas a serem surpreendidas. Muitos alunos trazem de

casa uma realidade de falta de diálogo com seus pais, plenos de carências e sem aquele relacionamento necessitado especialmente pelos adolescentes. No âmbito de um mundo marcado pela “hipermodernidade”, a depressão e a angústia vão tomando conta das pessoas e criam traumas capazes de gerar uma ausência de sentido para suas vidas. Não temos a dimensão do quanto podemos traumatizar as pessoas. Muitas vezes isso acontece mais por escolhas erradas do que por uma maldade intrínseca ao ser humano.

Os gregos falavam da **eudaimonia** (felicidade) e da **hedonê** (prazer) para distinguir entre algo mais consistente de um sentimento de prazer descartável. O saber, assim como a felicidade, é uma virtude que tem continuidade. Portanto, o saber tem que nos ajudar a compreender o que queremos da vida. Se o aluno sabe um pouco mais ou um pouco menos de uma determinada área do saber, não significa que será um profissional genial. Sua postura de vida é que será fundamental. Hoje, por exemplo, as organizações buscam contratar pessoas que saibam trabalhar em equipe.

O problema do *bullying* é que as famílias não têm diálogo, então a criança não conta em casa o que sofreu na escola. Por outro lado, o professor não conhece a dimensão do problema com o qual se depara. Nossos alunos já chegam na escola cheios de complexos, porque construímos um processo educativo de competição, e não de cooperação. Muitos pais estabelecem comparações perversas entre seus filhos, não respeitando as diferenças e as peculiaridades de cada um. Há até pouco tempo, as escolas premiavam os alunos com as melhores notas e, ao mesmo tempo, apontavam os piores alunos.

Como educadores, precisamos mostrar aos nossos alunos que devem aprender a fazer escolhas na vida — trata-se de uma questão de virtude. É necessário ajudá-los a ter a consciência de suas escolhas. O conhecimento permeia as relações entre professores e alunos, não sendo possível dar aulas sem estabelecer essa aproximação com a turma.

O saber em movimento está profundamente ligado ao desafio que se faz consigo mesmo enquanto um educador. O que faço para ser um educador melhor? O que faço para saber mais? Se aproveitarmos um elemento cultural trazido pelos alunos e traçarmos paralelos com questões filosóficas, literárias, etc, dependendo da matéria com a qual se está trabalhando, mostraremos a eles que é delicioso estudar os pensadores e a literatura, porque assim conheceremos melhor nossas vidas. Trata-se de permitir que o saber tenha um significado que nos envolva, que nos comova.

Sou um defensor das novas tecnologias e da nova geração que se está educando nesse universo. Considero um equívoco acreditar que os alunos estejam lendo e escrevendo deficientemente por causa do uso do computador. Ao contrário, eles acabarão lendo cada vez mais porque o computador os compelirá a isso — se soubermos educar utilizando essa ferramenta. Alfabetizaremos usando o computador, pois é uma novidade que faz parte da vida. Mas, evidentemente, isso não pode roubar o pulsar da prosa. Não devemos esquecer que o ser humano está em construção.

Gostar de viver o ofício de educar é o fundamento do que precisamos fazer para colocar o saber em movimento. Trata-se do fundamento da vida. Como dizia Platão, é o sair da caverna, a curiosidade. Não dá para o educador viver na caverna: temos de olhar o mundo como ele de fato é, e mostrarmos a capacidade singular de amar. Fechar-se para o mundo é encerrar-se numa solidão em si mesmo. Mas o professor é um generoso

por excelência: compartilha saber, medos, erros, dúvidas. O professor não é o dono da verdade: quanto mais sabemos, mais temos consciência do quanto ainda falta saber.

Quanto mais projetamos no outro a nossa felicidade, mais infelizes somos. Não podemos imaginar que as pessoas serão aquilo que sonhamos para elas — mas o que sonham para si. Enquanto não se superar, emocionalmente, a tendência a buscar desculpas e culpar os outros por todas as coisas, não se conhecerá a si mesmo. Segundo as palavras de Vinícius de Moraes, ao conhecer a mim mesmo eu tenho de me lançar ao outro. E essa atitude faz com que eu não seja um solitário, pois serei capaz de socorrer, acolher, envolver, amar. Tal é a missão do educador. É necessário encontrar o equilíbrio tanto na vida, quanto em sala de aula.